



Nolan com a câmera IMAX no set da 'A Odisseia'

de realizar.

“Stanley Kubrick dizia que a melhor maneira de aprender a fazer um filme é... filmar. Foi assim que iniciei o meu trabalho. Realizei ‘Following’ com amigos, o que significava que era preciso fazer tudo sozinho, caso alguém não aparecesse. Para poder justificar exigências rigorosas que a gente se impõe na profissão, você tem de ser capaz de compreender os truques do ofício. O que recomendo aos jovens realizadores é que experimentem de tudo. Isso também evita que fiquem à mercê dos outros. Aliás, em vez disso, experimentando, vocês ficam em pé de igualdade com eles”, disse Nolan, explicando seu apeço por trabalhar com IMAX (formato que utiliza filme horizontal de 70 mm com 15 perfurações, permitindo capturar quase dez vezes mais detalhes visuais, resultando em uma resolução equivalente a até 18K).

Em Cannes, Nolan explicou: “Tive o meu primeiro contacto com o IMAX através dos documentários que vi em museus quando era adolescente. Achei fascinante e fiquei curioso em saber como aplicá-lo aos meus filmes, devido ao tamanho e ao detalhe da imagem. Utilizei câmaras IMAX para algumas cenas em ‘O Cavaleiro das Trevas’, mas, como a imagem era três vezes maior, não podíamos filmar mais de 90 segundos por bobina. Todas as filmagens dependiam deste fator. Em ‘Dunkirk’, realizei o meu sonho de adolescência ao filmar inteiramente em IMAX”, disse o cineasta, que repete a dose em ‘A Odisseia’.

Também em 2018, a editora Cátedra, da Espanha, editou “Christopher Nolan”, em seu selo Signo e Imagen, sob a autoria de José Arad. Já na França, o legado que ele vem criando desde seu primeiro longa-metragem, “Following” (produção de 1998), inspirou as páginas de “Les Théorèmes de

“O que recomendo aos jovens realizadores é que experimentem de tudo. Isso também evita que fiquem à mercê dos outros. Aliás, em vez disso, experimentando, vocês ficam em pé de igualdade com eles”



‘Dunkirk’, de 2017, foi uma das primeiras aproximações do diretor com o IMAX; abaixo, ‘Oppenheimer’ deu a estatueta hollywoodiana de Melhor Direção a Nolan, em 2024



L’Illusion”, de Guillaume Labrude, e “La Possibilité d’un Monde”, de Timothée Géraudin.

Muito da literatura hoje em voga sobre o diretor investiga seu mal recebido “Tenet” (2020). Na



Capa do livro de Pablo Savalla, um dos estudiosos mais respeitados da obra de Nolan

“Empire” especial, há páginas e páginas sobre ele. Hoje disponível no streaming MAX (ex-HBO), o filme é considerado por muitos o maior enigma do corpus criativo de Nolan, em sua forma de abordar o Tempo num estudo sobre antimatéria. A sequência inicial é um deslumbre, mas muita gente jura não ter entendido a proposta trazida pelo longa, que foi lançado assim que o primeiro lockdown decorrente da covid-19 arrefeceu.

No mercado internacional, um dos títulos mais primorosos sobre Nolan é “Imagining The Impossible”, organizado por Jacqueline Fur-

by e Stuart Joy para a Wallflower Press, no selo Director’s Cut. É uma leitura plural, com articulistas de distintas formações. A maior parte dessa fortuna crítica paga tributo a uma forma única de filmar que se consagrou de vez com “Oppenheimer”, revisando a saga do criador da bomba atômica. Sua receita: US\$ 975 milhões.

No papel, sabe-se que “A Odisseia” acompanha a cruzada de retorno ao lar de Odisseu (que em traduções latinas virou Ulisses), o lendário rei grego de Ítaca. Após a Guerra de Troia, ele tenta voltar para casa, esbarrando com seres míticos como o Ciclope Polifemo, as Sereias e a feiticeira-deusa Circe, enquanto tenta se reunir com sua esposa, Penélope.

“Eu venho de uma escola noir, por conta do interesse do gênero nos conflitos sociais e nas ambiguidades que eles geram no dia a dia. O noir é uma derivação policial do melodrama, que entra em cena, nas telas, para qualificar situações de sentimentos extremos. Por isso, meus personagens se revelam por suas ações mais extremadas. Por isso, eu respeito as paixões que brotam da dimensão sensorial da imagem”, disse Nolan em Cannes.

Só a partir desta quinta, saberemos o que ele fez com Homero usando um orçamento de US\$ 250 milhões. O elenco, além de Damon, também conta com Tom Holland, Anne Hathaway, Zendaya, Lupita Nyong’o, Robert Pattinson, Charlize Theron, John Leguizamo e Jon Bernthal. As filmagens ocorreram entre fevereiro e agosto de 2025, em diversos locais internacionais, incluindo Marrocos, Grécia, Itália, Escócia, Islândia e Saara Ocidental. Com um orçamento estimado em US\$ 250 milhões, o filme é o mais caro da carreira de Nolan. Pode ser o filme do ano. Torcida iniciada por aqui.

Logo que “Oppenheimer” saiu – e se mostrou o esplendoroso – uma postagem no Facebook do cineasta Paul Schrader, diretor de “Fé Corrompida” (2017) e “A Marca da Pantera” (1982), resumiu tudo o que Nolan conseguiu sintetizar ao longo de sua caminhada. Schrader disse: “É o melhor, o mais importante filme deste século”. O superlativo impressionou e até espantou, mas foi compensado por um êxito tamanho GG.

Talvez o que justifique a de Schrader seja justamente o fato de Nolan NÃO ser aquilo que os estúdios hollywoodianos produzem e, sim, um diretor autor que dirige narrativas personalíssimas, de teor filosófico, em forma de espetáculo. Basta dois diálogos de “Oppenheimer” para que toda sua força dramática fique evidente: a) “Genialidade não garante sabedoria”; b) “Vocês procuram o sol, só que o Poder reside nas sombras”.

Quem sabe o que Schrader há de dizer agora? Quem sabe como o público vai embarcar no que pode ser o fenômeno do momento?